

A Questão Emocional No Trabalho Do Intérprete

Lívio Siqueira Batista Lopes (*)¹

RESUMO

O presente trabalho propõe o início da discussão sobre como a questão emocional interfere no trabalho do intérprete, argumentando a partir disso sobre quais seriam as estratégias mais eficazes para solucionar os problemas que dela advenham. Os principais objetivos deste artigo são o levantamento de quais são os problemas oriundos de interferências emocionais no decorrer do trabalho de interpretação, bem como a identificação das estratégias mais comuns usadas pelos intérpretes para lidar com os mesmos. No artigo procede-se a análise qualitativa e quantitativa dos dados levantados num questionário respondido por intérpretes que trabalham no Brasil, amparando-se, para este fim, no arcabouço teórico selecionado. Para tanto, é feita a separação entre os elementos de origem interna e externa à atividade interpretativa que causam interferência no estado emocional do profissional da interpretação. Os resultados revelam que os intérpretes percebem diferentes dificuldades relacionadas a diferentes técnicas de interpretação e situações comunicativas, uma vez que o trabalho explora não só o ambiente de conferência, mas também os outros onde mais comumente é requerida o trabalho de interpretação. Além disso, o trabalho introduz os conceitos de senso de autoeficácia, empatia e otimismo como ferramentas para o ajuste e manutenção do equilíbrio dos intérpretes em face às intempéries emocionais, de modo a conseguirem o balanço da energia psíquica necessária ao desenvolvimento da atividade de interpretação.

Palavras-chave: Interpretação simultânea. Interpretação consecutiva. Situações comunicativas. Técnicas de Interpretação. Equilíbrio emocional. Ajuste emocional. Senso de autoeficácia. Empatia. Otimismo.

1 (*) Graduado em Letras Português / Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

1 INTRODUÇÃO

É sabido que fatores emocionais, tais como a segurança em si mesmo e na sua preparação, a concentração e o uso construtivo do estresse, tem um enorme impacto na excelência de uma interpretação. Não basta ter o domínio das técnicas de interpretação, pois é o treinamento aliado ao equilíbrio mental que ajuda ao intérprete a obter de uma maneira sistemática o estado emocional ideal para atuar em público. Assim, na busca do estabelecimento de um controle emocional que permita ao intérprete conseguir o melhor desempenho possível de sua atividade, importa saber quais elementos interferem mais comumente em sua realidade de trabalho para que ele possa, então, encontrar soluções práticas e eficazes aos entraves que a perda do controle emocional pode causar à situação comunicativa da qual ele é mediador. Contudo, que fatores são estes que mais interferem no equilíbrio emocional do intérprete em seu ambiente de trabalho? Sobre quais destes fatores o intérprete tem controle? Sobre quais ele não tem? O que é este equilíbrio emocional e como pode o profissional desenvolvê-lo para a situação de interpretação? O que os intérpretes costumam fazer para lidar com tais questões advindas de aspectos emocionais e qual a eficácia dessas medidas? Considerando-se a produção acadêmica sobre o tema, observamos que, embora alguns autores o tenham permeado, a maioria do que é encontrado sobre o assunto trata essas questões sob uma ótica quase que estritamente técnica do desenvolvimento da atividade interpretativa. Pouco se discute especificamente sobre a questão emocional, ficando a maioria da produção relegada ao reino do desenvolvimento das habilidades necessárias ao desempenho do trabalho, no máximo tocando no assunto do controle do estresse. Contudo, o estresse não é o único fator emocional que tange o processo de tradução. Ele pode, inclusive, ser gerado e gerido por

outros fatores emocionais. Daí também a relevância de se saber quais são e como lidar com estes elementos, tais como o medo de não compreender um sotaque com o qual não se esteja habituado; a insegurança por lidar com um assunto muito distante de sua zona de conforto; a pressão de ter sua técnica avaliada durante o trabalho por um concabino; o desespero diante de um vocábulo que não constava no glossário preparado para o evento, dentre outros dos quais se ocupará a investigação.

O alvo principal deste trabalho é iniciar uma discussão acadêmica sobre a questão emocional no trabalho do intérprete. Para tanto, busca-se aqui analisar os dados obtidos por meio de questionários sobre quais são os fatores que mais interferem no equilíbrio emocional do intérprete em seu ambiente de trabalho, impedindo ou atrapalhando o seu bom desenvolvimento, bem como considerar a bibliografia pertinente ao assunto a fim de, não somente contribuir para a área de pesquisa em interpretação no Brasil, mas também proporcionar aos intérpretes um claro conhecimento das intempéries emocionais que permeiam a atividade de interpretação, sejam estas internas ou externas à mesma, mas também fornecer alternativas para que o profissional possa lidar com tais problemas melhorando sua performance e oferecendo ao mercado o melhor trabalho possível.

2 DA NECESSIDADE DE INTERPRETAR

Os avanços tecnológicos, bem como as transformações no mundo atual em termos socioeconômicos e culturais, têm modificado as relações entre as nações, o que tem produzido um volume de informação que cresce exponencialmente a fim de dar conta das demandas das sociedades modernas. As nações, na busca de melhorias na qualidade de vida dos povos que as compõe, bem como as empresas, na busca de parcerias lucrativas, eficazes e econômicas, tem cada vez mais procurado a cooperação internacional, seja a fim de partilharem o conhecimento produzido ou de estabelecerem conexões políticas, econômicas, acadêmicas, dentre outras. Nesse contexto, o papel do intérprete é de fundamental importância, pois é ele o elemento de ligação entre duas realidades sócio-econômico-culturais distintas que se propõem a fazer um elo com um fim comum. Do intérprete depende a comunicação eficaz e imediata entre os participantes de um determinado evento comunicativo. Observando-se o fato de que essas realidades já tão diferentes são expressas por línguas diversas em sua estrutura e expressão, cumpre que o profissional da interpretação tenha o máximo controle emocional possível para lidar com uma atividade intelectual tão complexa e, por isso, tão difícil de executar.

No Brasil há uma carência de estudos sobre a questão emocional no trabalho do intérprete. No 1º SIMBI (1º Simpósio Brasileiro de Interpretação, em 2013), por exemplo, não houve trabalhos preocupados com o tema. No cenário internacional essa carência também é notada. Quando muito, os trabalhos que consideram a questão emocional lidam apenas com a emoção sob o aspecto do nervosismo ou da tensão, ou ainda sob a ótica da emoção em termos de *delivery*. Seriam estes realmente os únicos elementos emocionais que envolvem o trabalho de interpretação? O presente trabalho pretende investigar e discutir o assunto a fim de

contribuir para os Estudos da Interpretação no Brasil que ainda não estão lidaram com o tema.

3 A PESQUISA

3.1. O Intérprete

Na investigação de como a questão emocional afeta a atuação dos intérpretes, optou-se por buscar as informações necessárias à ponderação sobre o tema através de um questionário semiaberto. O questionário foi direcionado aos intérpretes que trabalham no Brasil, procurando-se conhecer o perfil dos entrevistados. Para tal conhecimento foram usadas as perguntas fechadas do questionário. Já as perguntas abertas serviram para interpelar os intérpretes sobre os elementos que interferem em seu equilíbrio emocional, além de como os mesmos se portam diante destes problemas. O intuito era verificar se havia ou não e quais seriam os problemas mais comuns ao trabalho de interpretação, caso houvesse recorrência.

Foram 17 os intérpretes que se dispuseram a responder a pesquisa (14 mulheres e três homens). O tema aparenta ter gerado mais interesse em intérpretes com mais tempo de carreira do que em iniciantes, já que dos que responderam a pesquisa, a grande maioria tinha 5 anos ou mais de carreira (71% dos respondentes). Daqueles com menos experiência enquanto intérpretes, constam apenas 29%.

No tocante às línguas de trabalho, é sabido que no mercado Brasileiro predomina o uso da língua inglesa como par linguístico mais comum do português, o que também foi verificado na pesquisa. A segunda língua mais produtiva foi o espanhol, seguida do alemão e tendo igualmente ficado em terceiro lugar o francês, o russo e o italiano. Não houve qualquer dos respondentes trabalhasse com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) ou com qualquer língua de origem asiática. Curiosamente, houve respondentes que disseram trabalhar com apenas um idioma (6%), o que como sabemos é impossível para o trabalho de interpretação já que, por definição, necessita de uma língua de origem e outra língua alvo para a qual se interprete. Isto indica que, provavelmente, estes respondentes não levaram em

consideração o português e consideraram o termo técnico “língua de trabalho” como sendo apenas a língua para a qual (ou a partir da qual) se interprete. Isso também acena para o fato de nem todos os intérpretes terem alguma formação (seja curso livre, pós-graduação ou outra), sendo a falta de conhecimento técnico o motivo pelo qual teriam feito confusão no tocante à resposta do questionário. Contudo, o fato de a grande maioria ter respondido indicando no mínimo duas línguas de trabalho sugere uma maior quantidade de respondentes com alguma possível formação específica em interpretação.

Em se traçando um quadro dos modos de interpretação, temos que predomina a interpretação de conferência, feita por 76% dos respondentes, seguida pela interpretação de acompanhamento (59%). A interpretação comercial, bem como a interpretação na área da saúde figuraram na pesquisa como 35% das respostas, seguidas da interpretação forense (29%) e da remota (24%). Apareceram ainda a interpretação intermitente, com 18% dos respondentes, ficando a interpretação comunitária com apenas 12% do cenário. Não foi possível ter uma ideia de como se posicionaria a interpretação em LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) nesse cenário pelo fato de não ter havido respondentes que trabalhassem com ela, o que aponta uma provável menor existência de profissionais aptos para fazê-la.

No que tange as técnicas utilizadas para a interpretação, ambas a interpretação simultânea e a consecutiva figuraram como principais técnicas usadas pelos intérpretes (76%), seguidas pela interpretação de sussurro (Chuchotage) (71%) e pela consecutânea -misto de consecutiva e simultânea (59%). Além disso, 94% dos respondentes afirmaram crer na existência de dificuldades diferentes relacionadas a cada modo de interpretação em si.

3.2. Das dificuldades da interpretação

Daniel Gile define interpretação como sendo “a tradução oral de discurso oral” (Gile 1998:40). Contudo, sabemos que situações de comunicação distintas requerem soluções em interação linguísticaespecíficas que se adequem às condições de cada evento comunicativo. E foi nesse sentido que se desenvolveram diferentes técnicas para a interpretação: a interpretação simultânea, a interpretação consecutiva, a interpretação de sussurro e, mais recentemente, a interpretação consecutânea. O ato interpretativo ocorre quando o intérprete extrai a mensagem de

forma não-verbal do idioma de origem, recriando-a na língua alvo para o ouvinte, uma vez que a interpretação não se trata de traduzir palavras, nem de se fazer transferências verbais, nem mesmo das diferenças entre dois idiomas (Pöchhacker 2004:68).

Das dificuldades relacionadas à interpretação simultânea que se destacam como as mais recorrentes entre os intérpretes temos o “code-switching” (quando um falante alterna entre duas ou mais línguas ou variedades linguísticas num contexto conversacional qualquer) e o gerenciamento da fala e da escuta ou, como uma das respostas ao questionário indica, “o equilíbrio dos quatro esforços descritos por Gile”. O autor explica que há três esforços que compõem o processo de interpretação: o primeiro sendo o esforço de audição e análise; o segundo sendo o esforço de produção e um terceiro que seria o uso da memória de curto prazo. Há ainda a habilidade de *coordenação*, que tem a função de moderar todos os outros esforços descritos (Gile, 1995).

Das dificuldades pertinentes à interpretação consecutiva, foram destacadas as relacionadas às habilidades exigidas à sua execução como o uso da memória, a concisão de ideias e a síntese e organização da produção oral. As técnicas de anotação, contudo, foram o elemento mais recorrente dentre as dificuldades citadas para este tipo de interpretação. Em relação à interpretação de sussurro, apenas o incômodo corporal foi apontado como dificuldade inerente à técnica. Nenhuma dificuldade, entretanto, foi apontada sobre a interpretação consecutânea, provavelmente por os intérpretes perceberem que nela há um misto das dificuldades de ambas as técnicas das quais ela se origina e sobre as quais já haviam discorrido no questionário.

No que diz respeito às dificuldades da interpretação de acompanhamento, foi levantada a questão da necessidade de maior sensibilidade, bem como a de adequação cultural. Outro fato citado foi o de o intérprete estar mais visível e, às vezes, ter sua função confundida com a de um guia turístico. Condições físicas e externas do ambiente, como ruídos no caso de visitas às fábricas, também foram problemas mencionados. Já à interpretação remota foram apenas relacionadas as dificuldades próprias da tecnologia, como o acesso a um áudio de qualidade e a possibilidade de se ver o material apresentado em slides, bem como o próprio palestrante.

Para a interpretação médica e a jurídica foram atribuídas dificuldades emocionais, como o fato de os intérpretes presenciarem de perto o sofrimento humano e, como a interpretação é feita em primeira pessoa, eles as vezes ficam com a carga emocional advinda dos relatos do interpretado, precisando lidar com isso a fim de não serem afetados de forma negativa.

Houve ainda dificuldades comuns a todas as técnicas e modos de interpretação, como o domínio do vocabulário específico à área de trabalho sobre a qual o palestrante esteja falando, o uso de gírias e/ou piadas, os sotaques dos interlocutores, o desgaste psíquico advindo do fato de se ter que ficar extremamente concentrado na atividade interpretativa por muito tempo e o desconhecimento de alguns clientes sobre como se dá o trabalho do intérprete que, por exemplo, dirige-se ao intérprete em vez de dirigir-se ao interpretado, não entende que o intérprete sempre fala em primeira pessoa e, no caso dos palestrantes, o fato de muitas vezes não se darem conta de que estão sendo interpretados e falarem rápido demais.

3.3. Da Questão Emocional

A grande maioria (88%) dos intérpretes identifica algum elemento que interfira no seu equilíbrio emocional. O trabalho pressupunha que, das dificuldades encontradas na atividade de interpretação, poderia tanto haver fatores de ordem interna à atividade em si quanto fatores de ordem externa interferindo no equilíbrio emocional do intérprete e, por isso, prejudicando seu desempenho. As respostas ao questionário comprovaram essa dicotomia, tendo os participantes da pesquisa revelado possibilidades para ambos os segmentos. Assim sendo, cumpre fazer-se a separação dos elementos encontrados na pesquisa em dois grupos distintos, o dos fatores internos à interpretação e o dos fatores externos a ela, a fim de obter-se uma análise mais detalhada sobre o fenômeno.

Como possíveis causas desse desequilíbrio oriundas da técnica da interpretação em si, foram destacadas pelos intérpretes o receio de não compreenderem algum termo técnico utilizado pelo palestrante, o medo de não compreender o sotaque ou de perder alguma informação durante o processo de interpretação. Numa das respostas foi relatado: “quando percebo que perdi alguma parte na interpretação simultânea, fico aflita e perco a concentração”.

Em relação aos obstáculos de origem externa à atividade de interpretação que interferem no equilíbrio emocional dos intérpretes, foi destacado o próprio estado emocional do profissional, que pode estar preocupado com situações fora de seu controle, como inquietações relacionadas a outras áreas de sua vida pessoal, a doença de algum filho ou problemas na escola, por exemplo. Percebe-se claramente aqui o que Daniel Goleman diz em seu livro *Inteligência Emocional* a respeito da relação entre a emoção e as habilidades de atenção e memória. O autor afirma que quando emocionalmente perturbados não conseguimos pensar direito (Goleman, 1997). Assim, temos que um intérprete que não consiga se desconectar de seus problemas pessoais durante o trabalho certamente terá dificuldade em acessar o vocabulário específico do qual necessita para uma conferência em questão, bem como terá maior dificuldade em manter sua atenção na atividade interpretativa.

Situações de interação no trabalho Também foram citadas como causadoras de interferências emocionais, seja a interação com o contratante, com o concabino ou até mesmo com o próprio palestrante. Segundo as palavras de um dos respondentes, “a atitude do cliente é importantíssima por inibe o tradutor, assim como o clima geral do local de trabalho. Qualquer crítica influenciará negativamente no trabalho.” Nesse sentido destaca-se a questão da empatia. Em havendo identificação, o intérprete fica emocionalmente aberto para o trabalho. Se, contudo, não houver empatia, o intérprete está exposto às intempéries emocionais que podem impedir que ele obtenha o desempenho ideal da função. É interessante notar ainda que, mesmo havendo uma identificação positiva entre o palestrante e o intérprete, o controle emocional se faz necessário a fim de evitar que isto também se configure em uma distração para o profissional da interpretação, como bem mostra uma das respostas à pesquisa: “Quando o orador se emociona e me identifico com a causa, preciso me controlar para não deixar as emoções tomarem conta.” Goleman revela que noventa por cento das mensagens emocionais são percebidas através de sinais não-verbais, tais como linguagem corporal e o tom da voz (Goleman, 1997). Assim sendo, da mesma forma que um intérprete possa se emocionar com a história contada pelo palestrante, caso ele esteja ansioso ou irritado irá comunicar essa ansiedade e irritação aos seus ouvintes, que compreenderão e responderão a essas mensagens emocionais comunicadas através do tom de sua voz, independente da mensagem verbal que o profissional esteja transmitindo. Deste modo, a empatia se

torna indispensável ao trabalho do intérprete pois dela advém o ajuste emocional de que precisa para a situação de trabalho.

3.3 Das estratégias para controle emocional

Questionados sobre o que faziam para lidar com os problemas que atrapalhavam seu equilíbrio emocional durante o trabalho, os intérpretes revelaram técnicas diferentes para o alívio do estresse e ganho ou retomada da concentração. As respostas mais recorrentes foram relacionadas à preparação prévia para o trabalho através do estudo extensivo sobre o assunto da conferência e à manutenção do foco estritamente na atividade de interpretação, evitando-se pensar em qualquer outra coisa que não esteja relacionada às habilidades necessárias ao trabalho. Também foram citados o alongamento durante os intervalos da conferência, o cigarro e simples a torcida para que nada dê errado durante o trabalho.

A preparação prévia é de extrema importância para o trabalho do intérprete no sentido de lhe diminuir a ansiedade antecipatória que, segundo Goleman, pode sabotar o profissional. Além disso, não só a preparação prévia, como também o comando da técnica aumenta no intérprete o que o autor denomina por “senso de autoeficácia”. Como senso de autoeficácia entende-se o sentimento de se ter dominado uma determinada habilidade e, com isso, perceber-se apto a lidar com os desafios que surgirem. Esse sentimento não só torna as pessoas mais aptas a fazerem o melhor uso de suas habilidades, como também as leva a fazer o que for necessário para desenvolvê-las, uma vez que a crença das pessoas sobre suas próprias habilidades tenha um profundo impacto sobre as tais habilidades em si. Pessoas com o senso de autoeficácia abordam os problemas buscando solucioná-los em vez de lidarem com as situações se perguntando o que pode dar errado (Goleman, 1997).

A manutenção do foco na atividade de interpretação é algo que certamente faz toda a diferença no resultado final do trabalho do intérprete. Contudo, a fim de

que se obtenha a concentração necessária para que o foco ideal seja atingido importa justamente que o intérprete esteja emocionalmente equilibrado. No quinto capítulo do livro *Inteligência Emocional*, Goleman explica que emoções negativas fortes desviam pra si mesmas a atenção das pessoas, atrapalhando a habilidade de manter-se o foco em qualquer outra coisa. E dessa incapacidade de manutenção do foco surge a inabilidade de usar a memória para lidar com os esforços necessários à atividade que se esteja desenvolvendo, no caso, a atividade interpretativa. Considerando a complexidade desse trabalho, faz-se crucial que se tenha o máximo possível de concentração. Alexieva (1992) diz que a nebulosidade a respeito dos tipos de texto e de suas características é ainda maior na interpretação, já que os limites entre o oral e o escrito tendem a se confundir em situações em que um texto escrito é apresentado oralmente. Logo, cumpre que se tenha todo foco necessário à decodificação de significados da qual trata o trabalho do intérprete.

O uso de cigarros e alongamentos nos intervalos servem como fuga momentânea da atividade de interpretação e servem para aliviar o estresse que ela provoca. Enquanto os cigarros sejam uma fuga negativa, visto o alívio do estresse se dá pela inserção de elementos químicos no organismo que geram dependência, os alongamentos são uma ótima ferramenta da qual o intérprete pode se utilizar para se recompor, não só pelo fato de diminuir os efeitos físicos da tensão gerada pela atividade de interpretação, mas também por servirem como um momento para a recondição cognitivo, ou seja, uma mudança de humor que leve o intérprete a uma atitude mais positiva em relação ao seu desempenho. Esse pensamento positivo é importante do ponto de vista cerebral porque a memória tende a funcionar enviesada por este sentimento agradável, facilitando a tomada de decisões no curso de uma atividade qualquer.

O pensamento otimista, embora pareça simples, tem grande influência sobre o ajuste emocional do intérprete para o trabalho. Daniel Goleman informa que mais do que torcer para que tudo ocorra bem, a pessoa otimista costuma ter menos ansiedade e está menos pré-disposta a abalos emocionais. Uma pessoa otimista ainda que falhe, observa a falha como sendo algo mutável e que numa próxima vez será convertida em sucesso. O pessimista, por sua vez, culpa a si mesmo pela falha, considerando-a algo que não pode mudar (Goleman, 1997). De uma atitude otimista pode depender o fato de um intérprete que não conseguiu compreender um termo seguir em frente na interpretação, sabendo-se capaz de solucionar aquela questão

durante o próprio ato interpretativo, ou congelar e travar-se, comprometendo não só a produção da sentença na qual o termo que não compreendeu aparece, mas talvez até todo o trabalho de interpretação em si.

4 CONCLUSÃO

A intenção deste artigo foi a de propor o início da discussão a respeito de como a questão emocional interfere no trabalho do intérprete e começar a buscar formas de elucidar as inquietações oriundas da discussão desse tema.

Neste trabalho foi visto que há problemas tanto de ordem interna quanto externa ao trabalho do intérprete que interferem em seu equilíbrio emocional prejudicando sua performance. Viu-se o quanto temor de não ser capaz de compreender um termo, um sotaque ou de se perder algum conteúdo da fala do palestrante desestabilizam um intérprete, suscitando a importância da preparação no sentido de torna-lo mais confiante em sua habilidade interpretativa, além de lhe conferir um senso de autoeficácia, o qual se torna fundamental para que o profissional se sinta emocionalmente apto a realizar a tarefa de interpretar. Observou-se também que o estado emocional do intérprete interfere diretamente em sua habilidade de gerir os esforços necessários à atividade de interpretação. Considerando o modelo dos esforços de Gile, temos os conceitos de *capacidade total de processamento* (CTP) como sendo uma espécie de “energia” ou habilidade mental necessária à execução de cada evento de interpretação, e *capacidade disponível de processamento* (CDP) como sendo a energia ou habilidade mental de cada intérprete. A partir disso, tem-se que um intérprete terá uma performance satisfatória quando o CDP for suficiente para dar conta da demanda da situação comunicativa (CTP) (Gile, 1995). A fim de que os intérpretes consigam aproveitar a sua capacidade de processamento ao máximo, faz-se necessário que além do domínio da técnica, possuam o controle emocional necessário para administrá-la, bem como às situações externas à atividade interpretativa evitando um desgaste psíquico desnecessário. Destacou-se ainda a importância da empatia como sendo o

ajustador emocional do profissional da interpretação para o desenvolvimento de sua atividade, uma vez que tanto a incompatibilidade quanto a simpatia pelo palestrante, pelo concabino, pelo contratante ou qualquer pessoa que faça parte do evento e lide diretamente com o intérprete podem interferir no resultado de seu trabalho. Viu-se também que os intérpretes já buscam lidar com os problemas que atrapalham sua estabilidade emocional no trabalho através do estudo prévio ao evento comunicativo do qual será mediador; da manutenção do foco na atividade interpretativa em si; alguns do uso de cigarros, outros de alongamentos e outros, ainda, de uma reconfiguração cerebral através do otimismo. Pode-se destacar, então, como resultados do trabalho a descoberta originada na pesquisa de que há elementos que interferem no equilíbrio emocional do intérprete, alguns de relacionados à própria atividade de interpretação e outros de ordem externa a ela, relacionados ao ambiente e às situações que circundam o ato de interpretar. Através da análise pautada no arcabouço teórico, obteve-se também como resultado do trabalho a discussão das dificuldades apresentadas pelos intérpretes na pesquisa e de suas estratégias comuns para a busca do equilíbrio de suas emoções, destacando-se a função do senso de autoeficácia, da empatia e do otimismo na regulação e manutenção do equilíbrio emocional dos intérpretes. A fim de se conseguir compreender melhor a importância, além de como e o quanto estes e outros elementos emocionais interferem no trabalho dos intérpretes, investigações mais profundas sobre o assunto tornam-se bastante válidas.

Pelo fato de haver ainda tão pouca produção acadêmica voltada à interpretação dentre os estudos da linguagem, o que fica ainda mais ressaltado se comparada à existente sobre a tradução escrita, este artigo se apresenta como uma contribuição à discussão da interpretação pela academia. Se considerarmos ainda o fato de dentre os trabalhos voltados ao tema poucos se voltarem às questões emocionais, sobretudo apreciando-se sua relevância não só em meio acadêmico, mas também no desenvolvimento dos profissionais da interpretação, parece aconselhável estimular a continuação dessa investigação em trabalhos futuros.

Ainda há algumas inquietações que permanecem e, por sua validade, poderiam ser abordados em estudos futuros por outros colegas: Que outros meios de não citados pelos respondentes da pesquisa poderiam ajudar os intérpretes na busca pelo controle emocional? Considerando o fato de nem todas as pessoas sofrerem com a interferência da pressão do trabalho, mas haver as que sejam

impulsionadas por ela, que meios poderia o intérprete desenvolver para usá-la como elemento no equilíbrio emocional? Enquanto a ansiedade antecipatória pode sabotar emocionalmente alguns intérpretes, é possível àqueles que não sofrem deste mal fazer uso positivo dela? Seria relevante a inclusão da discussão da inteligência emocional aplicada à interpretação como tópico ou até mesmo matéria nos cursos de formação de intérpretes? Essas e outras questões levantadas durante a produção deste artigo ultrapassam as intenções iniciais da proposta, mas se apresentam como altamente relevantes no contexto geral dos estudos da interpretação.

Por fim espera-se que essa leitura tenha conseguido incitar no leitor uma atitude autorreflexiva, de modo que ele pondere sobre sua prática de forma pragmática, pautando-se não só nas reflexões obtidas neste projeto, mas principalmente na avaliação de suas contribuições unidas ao senso de plausibilidade do próprio leitor no julgamento sobre o que é aplicável para si mesmo e o que não é em cada situação de trabalho específica.

THE ISSUE OF EMOTION IN THE INTERPRETERS' JOB

ABSTRACT

The present work proposes the beginning or the discussion about how the emotions interfere in the interpreters' job, thus arguing about what the most profitable strategies to solve the problems they originate would be. This article's main objectives are the survey of what the problems originated by emotional interferences that happen while interpreting are, as well as the identification of the most common strategies the interpreters use to cope with them. A qualitative and a quantitative analysis of the data gathered through a survey is made in the article under the light of the bibliographic review chosen. For that matter, the elements that interfere with the interpreters' emotional state are separated in two groups: the ones which are inherent to the interpreting activity itself, and the ones which are not. The results show that the interpreters notice different difficulties related to different interpreting techniques, as well as different communicative situations, once this work explores not only the conference environment, but also the other ones in which the interpreting job is usually required. Moreover, this work introduces the concepts of sense of self-efficacy, empathy and optimism as assets to the tuning and the maintenance of the interpreters' inner balance in the face of any emotional distress, in order to manage the balance of the mental energy required to the development of the interpreting job.

Keywords: Simultaneous interpreting. Consecutive interpreting. Communicative situations. Interpreting techniques. Emotional balance. Emotional tuning. Sense of self-efficacy. Empathy. Optimism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÜLOW-MØLLER, A. M. *Second-hand Emotion: Interpreting Attitudes*. Copenhagen Business School, Denmark. EUT - Edizioni Università di Trieste, 2003.

DAWRANT, A.C. & Gile, D. *Interpreting Research: What you never wanted to ask but may like to know*. 2001. Disponível em: < <http://aiic.net/page/341/interpreting-research/lang/1> >. Acesso em: 15 mai. 2014.

GILLES, A. *Conference Interpreting: A Students' Practice Book*. Routledge, 2013.

GOLEMAN, D. *Emotional Intelligence*. Bantam Books, 1997.

KURZ, I. *Physiological Stress During Simultaneous Interpreting*. EUT - Edizioni Università di Trieste, 2003.

LUCIANO, A. H. T. *A Interpretação simultânea sob a ótica da linguística aplicada*. Campinas, SP: [s.n.], 2005

MONACELLI, C. *Self-Preservation in Simultaneous Interpreting*. John Benjamins Publishing Co. 2009.

PAGURA, R. J. *A Interpretação de conferências no Brasil: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros*. 2010. 231 f. Tese. (Doutorado).

PÖCHHACKER, F. *Introducing Interpreting Studies*. New York: Routledge, 2004.

SHAHAT, S. *Stress And The Interpreter. A*

TAYLOR-BOULADON, Valerie. *Conference Interpreting. Principles and practice*, Charleston S.C., BookSurge, 2007.

WEISINGER, H. *Inteligência Emocional no Trabalho*. Editora Objetiva, 1997.

WILLIAN, J. & CHESTERMAN, A. *THE MAP A Beginner's Guide to Doing Research in Translation Studies*, UK, St. Jeroneme, 2002.

Apêndice: Questionário usado para a pesquisa:

A questão emocional no trabalho do intérprete
Investigação acadêmica voltada à área de interpretação

Há quanto tempo você atua como intérprete?

* 0 a 4 anos

* 5 a 9

* 10 anos ou mais

Sexo

* Masculino

* Feminino

Quantas são as suas línguas de trabalho?

* 2

* 3

* 4

* 5

* 6

* 7

* 8

* 9

Quais são as suas línguas de trabalho?

* Português

* Inglês

* Espanhol

* Francês

* Italiano

* Alemão

* Russo

* Japonês

* Mandarim

* Cantonês

* Outro:

Qual(is) o(s) modo(s) de interpretação com o(s) qual(is) você trabalha?

* Interpretação de conferência

* Interpretação de acompanhamento

* Interpretação remota

* Interpretação na área da saúde

* Interpretação comercial

* Interpretação forense (judicial)

* Interpretação comunitária

* Outro:

Você crê que há dificuldades diferentes relacionadas a distintos modos de interpretação?

* Sim

* Não

Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você pode relacionar ao(s) modo(s) de trabalho com o(s) qual(is) você trabalha?

Qual(is) a(s) técnicas(s) de interpretação com a(s) qual(is) você trabalha?

* Simultânea

* Consecutiva

* Sussurro (Chuchotage)

* "Consecutânea" (misto de consecutiva e simultânea)

* Outro:

Você crê que há dificuldades diferentes relacionadas a técnicas distintas de interpretação?

* Sim

* Não

Qual(is) a(s) dificuldade(s) que você pode relacionar a(s) técnicas(s) de trabalho

com a(s) qual(is) você trabalha?

Você identifica algum elemento que interfira no seu equilíbrio emocional durante o trabalho como interprete?

* Sim

* Não

Caso tenha respondido afirmativamente a questão anterior, que elemento(s) interfere(m) em seu equilíbrio emocional durante o trabalho?

O que você faz para lidar com os problemas que atrapalham seu equilíbrio emocional durante o trabalho?